

A DISTRIBUIÇÃO E CONSUMO DE LOUÇA DE LISBOA NO ATLÂNTICO NORTE (1600-1700)

Tânia Manuel Casimiro¹

RESUMO

É sobejamente conhecida a presença tanto de faiança como louça comum, de produção lisboeta, no norte da Europa. O comércio entre o sul e o norte assentava em produtos tais como o sal, vinho, açúcar, fruta e azeite, de produção portuguesa, e as fazendas e madeira, oriundas do norte da Europa. A presença de louça, tanto vidrada como comum, corresponderia apenas a pequena porção dos carregamentos que navios de diferentes nacionalidades levariam de Lisboa para as cidades norte europeias, onde entrariam num sistema de redistribuição para cidades mais pequenas e das poucas sobrevivências arqueológicas deste comércio. É objectivo do presente trabalho demonstrar que tipo de louça era exportada, em que quantidades, e quais os seus padrões de consumo no Norte da Europa.

Palavras-chave: Lisboa, cerâmica, comércio, Europa do Norte

ABSTRACT

The presence of Lisbon ceramics, either tin glaze or coarse wares, is widely known in Northern Europe. The trade system between the North and South was supported by commodities such as Portuguese salt, wine, sugar, fruit and olive oil, and cloth and wood produced in the North. Ceramics would correspond to a small amount of the total trade, though a remarkable survival in archaeological contexts. From those major cities, with direct connections to Portugal, they would be redistributed to smaller cities. The purpose of this paper is to show what type of ceramics were being exported, in what amounts, and what was their consumption patterns in Northern Europe were.

Keywords: Lisbon, ceramics, trade, Hanseatic League

INTRODUÇÃO

A exportação de cerâmica portuguesa, em grande parte oriunda de Lisboa, para diversas partes do mundo, é um tema já sobejamente abordado (Gomes e Casimiro, 2013; Casimiro, Gomes e Gomes, 2015). A sua presença pode ser atestada em diversos países do mundo em quantidades que variam em função da sua relação com Portugal. Desta forma, maiores quantidades são sempre encontradas em locais associados com a presença directa de pessoas oriundas de Portugal, tais como as ex-colónias, onde o consumo exclusivo de cerâmica proveniente da sua terra natal parece ter sido uma das formas que os colonos tinham de manter o seu estilo de vida europeu.

Por outro lado, existem locais onde a presença de portugueses, apesar de confirmada, é de pouca monta tais como os países do Norte da Europa onde apenas ocasionalmente encontramos indivíduos de origem portuguesa estabelecidos como mercadores e com contactos frequentes com Portugal.

A exportação de cerâmica portuguesa nunca aconteceu em rotas comerciais propositadamente desenvolvidas para o efeito. Na verdade, nunca nenhum barco levou o seu porão preenchido exclusivamente com cerâmica. Este era apenas um subproduto de comércios pré-estabelecidos. Chegou a terras sul americanas a bordo dos barcos que se dedicavam ao comércio de açúcar, à América do Norte através da rota do bacalhau e ao oriente através dos barcos que almejavam encher os seus porões com especiarias. O norte da Europa não foi diferente. O sal era fundamental para a sustentabilidade da indústria do peixe e a maior parte deste produto adquirido no nosso país, extraído na zona de Aveiro ou Setúbal (Gomes e Casimiro, 2013). A par do sal este comércio para o norte da Europa era ainda responsável pela exportação de grandes quantidades de vinho, azeite, açúcar, fruta e outros produtos de menor monta entre os quais se conta a cerâmica produzida em Lisboa (Casimiro, 2011). Os produtos que interessavam aos portugueses no norte da Europa

¹ tmcasimiro@fcsh.unl.pt ; Instituto de Arqueologia e Paleo ciências (IAP)/Instituto de História Contemporânea (IHC) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL); Pós-doc. Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

eram sobretudo a madeira e os metais.

Cada uma das cidades envolvidas directamente no comércio com Portugal tem nas suas reservas arqueológicas grandes quantidades de cerâmica portuguesa, em maior ou menor quantidade, de acordo com a natureza dessa relação comercial ou mesmo com a capacidade dos arqueólogos locais em reconhecer a cerâmica portuguesa. Apenas alguns exemplos serão destacados no presente artigo. Abordagens monográficas tais como as que foram desenvolvidas para Londres ou Hamburgo são raras, mas muito úteis na compreensão de padrões de consumo regionais e da forma como determinados grupos sociais introduzem a cerâmica de Lisboa nos seus quotidianos (Casimiro, 2011; Martens, 2012).

No entanto, cada cidade é cada caso específico, que importa abordar através de diferentes perspectivas económicas, culturais, sociais e simbólicas, determinando qual a importância da presença de cerâmica lisboeta nos diferentes centros urbanos do norte da Europa. Não é propósito do presente artigo o desenvolvimento exaustivo deste tema, mas apenas traçar uma abordagem geral à distribuição e consumo de objectos produzidos em Lisboa em diversos locais do norte da Europa, lançando diversas questões que ficarão necessariamente por responder.

O interesse da investigação da exportação de bens cerâmicos portugueses, na sua escala global, passa pela possibilidade de desenvolver o que podemos apelidar de macro e micro arqueologias, de acordo com a dimensão do estudo (Orser, 2006, p. 282). Possibilita-se uma aproximação globalizante, ou macro, através do estudo de movimentos comerciais em que interessa uma visão generalista do quê e em que quantidade. Por outro lado, a análise destas cerâmicas leva-nos até ao interior das habitações das pessoas que consumiram de forma individual estes objectos o que permite uma análise de microcosmos domésticos, compreendendo a relação entre as pessoas e os seus bens.

AS EVIDÊNCIAS

Em todos os países para onde os barcos que levavam mercadorias, sobretudo sal, vinho e azeite, para o norte da Europa existem evidências de exportação de cerâmica de Lisboa. Ainda que do sul de Espanha cheguem notícias ocasionais de Cádiz ou Granada, com pequenas quantidades de cerâmica lisboeta ali encontrada (Ruiz Gil, 2013), a zona que aqui interessa abordar trata-se do norte de Espanha, por onde estes barcos passavam, podendo ou não aportar (Fig. 1). As quantidades de cerâmica identificada nestes locais têm sido alvo de algumas publicações sobretudo na Galiza (Castro Lorenzo, 2016), Astúrias e mesmo País Basco (Fig. 2). Os objectos aqui reconhecidos são essencialmente pratos e taças, decorados a azul sobre branco com alguns apontamentos de manganês num comércio que acreditamos ter estado estabelecido ao longo de todo o século XVII, permanecendo pelo menos durante a primeira metade da centúria seguinte. A base social deste consumo gálico é ainda desconhecida, no entanto as evidências têm sido encontradas sobretudo nas zonas centrais de cidades com alguma dinâmica comercial, no comércio com Portugal e mesmo com o Norte da Europa, tais como Pontevedra ou Oviedo. A sua localização urbana relaciona o seu consumo com as elites económicas e políticas (Busto Zapico, et al., 2015).



Fig. 1
Mapa com a rota do sal.



Fig. 2
Pratos em faiança encontrados em Oviedo (fotografia de M. Busto Zapico).

Relativamente às Ilhas Britânicas as mais recentes descobertas têm vindo a confirmar os padrões que comércio e consumo que já haviam sido analisados (Casimiro, 2011).

Londres continua a ser a cidade onde o maior número de achados continua a ser identificado com pratos de grandes dimensões, de excepcional qualidade, e claramente destinadas ao mercado externo. Os achados na Irlanda são mais escassos, ainda que presentes em todos os portos de grande ou média dimensão pelo que uma presença constante.

Ainda que, até ao momento, poucas sejam as informações de que dispomos para a análise da aquisição de cerâmica portuguesa em geral, e cerâmica de Lisboa em particular, no território francês ela foi uma realidade pelo menos em La Rochelle e Baionne onde têm vindo a ser recuperados diversos fragmentos decorados sobretudo com cartelas onde se reconhecem crisântemos e aranhões. Diversa documentação oriunda do Cabido da Sé do Porto mostra que os contactos comerciais entre Portugal e aquelas cidades eram muito frequentes, incluindo a exportação de louça. Arqueologicamente cerâmica produzida em Lisboa foi identificada junto ao porto de La Rochelle em contextos arqueológicos directamente relacionados com o trato internacional. A escassez de informações não nos permite, todavia, concluir acerca do tipo de consumo interno desta louça. Ainda que fora do âmbito deste estudo foi encontrada faiança portuguesa em ambiente subaquático no sul de França (Dieulefet, *et al.*, 2014).

A presença de mercadores portugueses no norte da Europa encontra-se documentada desde pelo menos o século XIII. Com o crescimento da presença portuguesa na Flandres durante o século XVI é compreensível que diversa cerâmica oriunda de Lisboa tenha efectivamente servido à mesa dos milhares de Portugueses que ali se tinham estabelecido, tendo vindo a ser reconhecida em diversas intervenções arqueológicas (Veeckman, 1994). Mesmo após a queda política da feitoria, já no reinado de D. João III, o comércio com aquela zona não abranda tendo muitos mercadores de ascendência portuguesa ali continuado a viver. É o caso de Duarte Ximenez, um mercador de origem portuguesa e espanhola, cristão-novo, cuja casa foi identificada e escavada e no seu interior identificados diversos objectos em cerâmica produzida em Lisboa (Fig. 3) (Poulain, 2016). Mesmo após o desmembramento da liga hanseática, nos finais do século XVI, as mesmas rotas comerciais continuam a ser utilizadas durante os séculos subsequentes, sendo nestes locais que iremos identificar a maior parte dos objectos produzidos em Lisboa.

Um dos territórios que maior evidência destes objectos apresenta trata-se dos Países Baixos e certamente o primeiro a ser referenciado fora de Portugal (Baart, 1988). Ainda que Amesterdão tenha sido sempre a mais publicitada cidade no que diz respeito à presença de cerâmica portuguesa, com achados extraordinários (Jaspers e Ostkamp, 2016), nas últimas três décadas, diversas cidades deste país demonstram que era frequente o contacto directo com Portugal durante o século XVII. Cidades tais como Hoorn, Enkhuizen, Deventer, entre outras têm revelado a presença de objectos de grande qualidade (Bartels, 2016). A identificação dos primeiros achados de cerâmica portuguesa em Amesterdão, num quarteirão reconhecido como o local onde grande parte dos habitantes eram mercadores e comerciantes judeus com ascendência portuguesa, levou alguns investigadores a acreditarem que este comércio poderia estar



Fig. 3
Peças em faiança identificados na Bélgica (segundo M. Poulain, 2016, 117).

directamente relacionado com aquele grupo (Baart, 1988) (Figs 4 e 5). Contudo, recentes investigações demonstram que objectos de faiança portuguesa são recuperados abundantemente em diversos locais daquela e de outras cidades sem relação directa a grupos judeus o que nos leva a acreditar que a presença de cerâmica portuguesa e consequentemente de Lisboa, está relacionada sobretudo com actividade económica dos mercadores e não necessariamente com o facto de pertencerem a grupos de judeus portugueses. No entanto, não se pode ignorar que o comércio entre Lisboa e esta cidade holandesa, no que à cerâmica diz respeito, reveste-se de algumas características peculiares. Enquanto maior parte das cidades que temos vindo a mencionar recebiam apenas faiança azul e branca, possivelmente alimentando um gosto pela aquisição de objectos de influência oriental, Amesterdão recebia igualmente grandes quantidades do que podemos denominar de cerâmica de utilização comum (Fig. 6). Têm vindo a ser identificados objectos que por norma associamos aos quotidianos de comunidades portuguesas em Lisboa durante o século XVII (Stolk, no prelo). Apenas em Plymouth (Reino Unido) havia esta realidade sido identificada o que sugeria a presença de comunidades portuguesas, não necessariamente judias, mas de mercadores (Casimiro, 2011; Newstead, 2015).



Fig. 4
Prato em faiança encontrado em Amesterdão (Museu de Amesterdão, fotografia de Tânia Casimiro).



Fig. 5
Púcaro em cerâmica vermelha encontrado em Amesterdão (Museu de Amesterdão, fotografia Tânia Casimiro).



Fig. 6
Tacho em cerâmica vermelha encontrado em Amesterdão (Museu de Amesterdão, fotografia Marijn Stolk).

A relação comercial de Portugal com a Alemanha pode ser verificada não apenas através da documentação sobrevivente com diversas referências a barcos que saíam dos portos portugueses em direcção a cidades como Hamburgo, mas também através dos milhares de objectos recuperados em diversas localidades tais como Hamburgo, Lubeck ou Stralstund, entre muitas outras (Samariter, 2015) (Fig. 7). As informações disponibilizadas mostram que todas estas cidades portuárias tinham contactos permanentes com Lisboa e que não era de todo difícil este tipo de objectos chegar até lá. O Porto de Hamburgo é um caso muito especial com estreitas relações com as olarias lisboetas. Conhece-se pelo menos uma dezena de objectos que ficaram preservados em colecções privadas ou museus, mas também objectos oriundos de escavações arqueológicas naquela cidade com a sigla HHM, que tem sido interpretada como a abreviatura de Hamburg Hansen Market, manifestando uma relação directa entre ambas as cidades (Gomes e Casimiro, 2013, p. 115). São ainda conhecidos diversos brasões e nomes de famílias alemãs em peças produzidas em Lisboa que confirmam os contactos directos.

O comércio de cerâmica de Lisboa para o norte da Europa continua a manifestar muitas surpresas. A mais recente é certamente a quantidade de cerâmica produzida na capital portuguesa identificada em Gotemburgo. Outros achados têm sido feitos na Suécia, por exemplo em Estocolmo, ainda que em menores quantidades. Naquela cidade, fundada em 1621, foram recuperados centenas de objectos em faiança (Fig. 8). Curiosamente e, até ao momento, nenhuma evidência de louça vermelha foi identificada. Os objectos em faiança portuguesa, maioritariamente produzidos e exportados entre 1640 e 1670 podem ser considerados objectos de excelente qualidade. Por outro lado, o elevado número de pratos, taças e garrafas com brasões, muitos deles de famílias estrangeiras sugere claramente que, ao exemplo do que



Fig. 7
Jarros em faiança encontrado em Stralstund (segundo Semariter, 2015).

acontece com outras cidades, estamos perante um comércio destinado sobretudo ao consumo das elites mercantis. Estes objectos eram propositadamente manufacturados para este mercado e destinados a ser adaptados aos padrões de consumo norte-europeus. Só a título de curiosidade note-se como as garrafas encontradas em Portugal não possuem qualquer orifício para a colocação da tampa em estanho, mas as peças encontradas arqueologicamente em diversos locais de cidades norte-europeias demonstram que esse furo já era feito nas olarias.

Em boa verdade e apesar de aqui não especificarmos cada caso em concreto, muitos outros achados têm sido feitos em diversas cidades da Dinamarca, Lituânia, Estónia, Polónia, entre outros países demonstrando o quão assíduo era este comércio.



Fig. 8
Prato em faiança encontrado em Gotemburgo (fotografia de Tânia Casimiro).

Os exemplos aqui apresentados correspondem apenas a uma pequena fracção do total de cerâmica lisboeta que se conhece no norte da Europa. Não é objectivo deste trabalho uma análise exaustiva, mas apenas uma aproximação genérica a este comércio.

Documentalmente não sobreviveram registos em Lisboa que atestem esta exportação para a Europa do Norte. Relativamente a outras cidades do país sobreviveram os documentos que registam a circulação do comércio marítimo no Porto e na Figueira da Foz que ocasionalmente referem a exportação de louça. Mais abundantes são as informações obtidas em diversas cidades relacionadas com este comércio tais como Londres onde os Port Books daquela cidade registam dezenas de barcos oriundos de Lisboa trazendo cerâmica na sua carga (Casimiro, 2011). Tal riqueza documental é rara, embora algumas referências relativamente à presença de louça portuguesa sejam conhecidas na documentação de outros países. A análise aos documentos portuários de Gotemburgo permitiu concluir que a cerâmica portuguesa competia directamente com a louça holandesa e alemã que entrou no porto daquela cidade entre 1650 e 1700 (Kjellberg, 1933, p. 34). Existem ainda documentos que ocasionalmente reflectem o papel que estes objectos ocupavam no quotidiano das populações mencionando a sua presença no interior de armários ou mais raramente, a funcionalidade que teriam, tal como o 'Portuguese butter plate' reconhecido em Hoorn, nos finais do século XVI.

CONCLUSÃO

O presente trabalho tem como objectivo uma breve aproximação à exportação de louça de Lisboa para o Norte da Europa, fazendo uso de uma rota pré-estabelecida onde o sal, ainda que não o único produto exportado, foi certamente o mais importante.

Trata-se sobretudo de um comércio costeiro que apenas ocasionalmente penetrou no interior dos territórios nórdicos e, quando tal aconteceu, contou sempre com a presença de um percurso fluvial até ao seu destino, como foi o caso do prato, decorado ao estilo oriental, identificado no Castelo de Vilnius, na Lituânia.

A presença de mercadores portugueses no norte da Europa remonta à Idade Média pelo que a capacidade de introduzir produtos oriundos de Portugal não é uma novidade, aproveitando as rotas do comércio hanseático que, em meados do século XVII, já se encontrava politicamente desmoroado.

A exportação de cerâmica parece ter ocorrido ao longo de todo o século XVII, com achados nos Países Baixos que podem remontar mesmo aos finais do século XVI. No entanto, acreditamos que o grande apogeu da exportação de louça de Lisboa para o norte ocorreu sobretudo entre 1640-1670. Aliás este é o período cronológico de maior parte das peças datadas. Curiosamente este é um momento de grande expansão da indústria do peixe no Norte. A exigência de grandes quantidades de sal certamente que criou a oportunidade para a exportação de outros bens.

A base social de consumo desta cerâmica era gente abastada. Tal ilação pode ser retirada em primeiro lugar através da própria cerâmica que se traduz em peças de excelente qualidade formal e artística. A decoração obedece ao que era mais desejado nesta época, isto é, à influência oriental que numa tela branca desenhava caracteres que faziam de alguma forma relembrar o exotismo e riqueza do oriente. A par desta decoração surgem dezenas de brasões que dão nome aos consumidores destes objectos com referências a diversas cidade e famílias endinheiradas da nobreza mercantil. Por outro lado, a maior parte destes objectos têm vindo a ser recuperados nas zonas mais abastadas dos centros urbanos, que sabemos serem as residências de pessoas endinheiradas.

Uma das questões mais pertinentes levantadas por este estudo, e para a qual ainda não temos resposta, trata-se de saber porque razão algumas cidades importavam mais faiança enquanto outras mais louça vermelha. Cidades como Gotemburgo, Hamburgo ou Stralstund têm nas suas reservas centenas, senão milhares de objectos em faiança portuguesa. Por outro lado, Southampton, por exemplo, revelou a existência de centenas de peças de cerâmica vermelha e apenas um ou outro achado ocasional de faiança (Gutierrez, 2007). Já cidades como Amesterdão ou Plymouth apresentam grandes quantidades de ambas produções. Estarão estes padrões de consumo relacionados com a natureza comercial que estas cidades desenvolveram com Lisboa? Teriam os seus mercadores contacto directo com géntes

que lhes poderiam trazer os objectos vermelhos? Seria uma questão de gosto e a louça vermelha mais apetecível em determinadas cidades seria aquela que poderia ser adquirida local ou regionalmente? Ou estará esta quantidade de louça vermelha relacionada com a presença de portugueses que ali viveriam?

O presente trabalho incide sobretudo sobre a louça de Lisboa, certamente a mais abundante de origem Portuguesa. No entanto, não nos podemos esquecer, que nem toda a louça oriunda de Portugal era de Lisboa, muito embora por aqui fosse exportada. No que diz respeito à louça vermelha, evidências arqueológicas e documentais revelam que as produções de Estremoz e Montemor-o-Velho eram largamente apreciadas por toda a Europa (Gomes e Casimiro, 2015; Newstead e Casimiro, 2017). Relativamente à faiança são raríssimos os achados de peças de Coimbra ou Vila Nova apenas com algumas peças recuperadas no Reino Unido.

Lisboa era efectivamente o maior centro produtor do país e o grande responsável pela exportação de louça para o Norte da Europa.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem a ajuda de diversas pessoas cujo fascínio pelo azul e branco de Lisboa fez com que os nossos caminhos se cruzassem: Miguel Busto Zapatico, Alain Champagne, Nina Jaspers, Sebastian Ostkamp, Michiel Bartels, Jerzy Gawronski, Annika Martens, Marijn Stolk, Tom Wennberg, Renate Samariter, entre muitos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAART, J. (1988) - Faiança Portuguesa, 1600-1660. Um estudo sobre achados e colecções de museus, In: *Portugueses em Amesterdão 1600-1680*, Amesterdão: Bataafcsche Leeuw., pp. 19-26.
- BARTELS, M. (2016) - Portuguese ceramics from Westfrisian soils, the itinerary of Portuguese ceramics in the Dutch Golden Age. In: GOMES, R.V.; CASIMIRO, T.M.; GOMES, M. V. (eds.), *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 399-406.
- CASIMIRO T.M. (2011). Portuguese Faience in England and Ireland. *British Archaeological Reports (B.A.R.)*, Oxford: Archaeopress.
- CASIMIRO T.M., GOMES R.V., GOMES M.V. (2015). Portuguese Faience trade and consumption across the World (16th -18th centuries). In: BUXEDA I GARRIGÓS, J.; MADRID I FERNANDEZ, M.; IÑÁÑEZ, J (ed.), *Global Pottery Proceedings - 1st International Conference for Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*. BAR International Series 2761, Oxford: Hadrian Books, pp. 67-80.
- CASTRO LORENZO, M. (2016) - Faiança Portuguesas em Galicia. Los contextos urbanos de Santiago de Compostela y Pontevedra. In: GOMES, R.V.; CASIMIRO, T.M.; GOMES, M. V. (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 391-398.
- GOMES M.V., CASIMIRO T.M. (2013). *On the world's trade routes - Portuguese Faience (16th-18th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências.
- GOMES, M. V. ; CASIMIRO, T.M. (2015) - A cerâmica de Montemor-o-Novo - características e difusão (séculos XVI-XVIII), *Almator*, 1, 3ª série. Montemor-o-Novo: Câmara Municipal, pp. 137-150.
- GUTIERREZ, A. (2007) - Portuguese coarsewares in early modern England: reflections on an exceptional assemblage from Southampton. *Journal of Post-Medieval Archaeology*, 41(1). Londres: Routledge / Society for Post Medieval Archaeology, pp. 64-79.
- JASPERS, N.; OSTKAMPS, S. (2016) - Portuguese Faience in the Dutch republic. In: GOMES, R.V.; CASIMIRO, T.M.; GOMES, M. V. (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 407-422.
- KJELLBERG, S. (1933) - *Fajansfynd I Göteborg. En översikt av fajansförekomsten i staden fram till import-förbudet 1739*, Goteborg: Goteborgs Musei Arstryck.
- MARTENS, A. (2012). Porzellan, Fayence, Majolika: Konsum chinesischer, mediterraner und niederländischer Keramik in den Hansestädten Hamburg und Lüneburg im 16./17. Jahrhundert: Hamburg Pro Business
- NEWSTEAD, S. (2015) - *The oldest alliance: a material exploration of early modern English Portuguese relationships*. Dissertação de doutoramento apresentada à University of Leicester (policopiado).

- NEWSTEAD, S.; CASIMIRO, T.M. (2017) - Strange Adventures in a City Made of Marble: Exploring Pottery Production in Estremoz, Portugal, *Medieval Ceramics*, 37. Londres: Medieval Pottery Research Group, pp. 37-45.
- ORSER, C. (2006) - The archaeologies of Recent History: Historical, Post-Medieval, and Modern World, in: Bintliff, J. (ed.) *A companion to Archaeology*, Oxford: Blackwell, pp. 272-290.
- POULAIN, M. (2016). - *The habits of war. Early modern ceramics in Flandres*. Dissertação de doutoramento entregue à Universidade de Gent (policopiado).
- RUIZ GIL, J. (2013) - Modern Age Portuguese Pottery find in the bay of Cadiz. In Teixeira, A.; Bettencourt, A. (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 1 (ArqueoArte 1). Lisboa: Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (CHAM) e Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FACSH-UNL) e Universidade dos Açores (UAç), pp. 829-83
- SAMARITER, R. (2015) - Mediterrane Fayencen, niederländische Majoliken und Fayencen vom Typ Malling jug - Bodenfunde aus Mecklenburg-Vorpommern, Bodendenkmalpflege. In *Mecklenburg-Vorpommern*, 61, pp. 197-234.
- VEECKMAN, J. (1994) - Iberian Unglazed Pottery from Antwerp (Belgium), *Medieval ceramics*, 18, Londres: Medieval Pottery Research Group, pp. 9-18.